



RAMOS, Jarbas Siqueira. **O ritual festivo no universo congadeiro:** uma leitura sobre performatividade e espetacularidade nos Ternos de Catopês de Bocaiúva, Minas Gerais. Montes Claros/MG: Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes; Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Ator, Dançarino, Diretor, Professor.

Resumo: Ao realizarmos estudo acerca do ritual festivo nos Ternos de Catopês de Bocaiúva/ Minas Gerais, tendo como perspectiva epistemológica a etnocenologia e suas interfaces com a antropologia interpretativa, a etnografia e os estudos culturais, duas das características desse ritual nos chamou a atenção: a performatividade, como apontada nos estudos de autores como Victor Turner e Richard Shechner; e a espetacularidade, referenciada nos trabalhos de Jean Marie Pradier e Armindo Bião. Nosso objetivo nesse trabalho é realizar uma leitura sobre performatividade e espetacularidade no ritual festivo dos Ternos de Catopês de Bocaiúva. Para tanto, desenvolvemos nosso trabalho em dois caminhos: no primeiro apresentamos um quadro teórico acerca dos conceitos de ritual festivo, performatividade e espetacularidade; no segundo fazemos a leitura do ritual festivo, partindo do nosso olhar sobre o corpo dos congadeiros e sua performance durante a realização de suas festas. Por fim, procuramos considerar a importância da etnocenologia para a realização desse trabalho, no que concerne à nossa prática reflexiva sobre essa manifestação cultural.

Palavras-Chave: Ritual Festivo. Performatividade. Espetacularidade. Terno de Catopês de Bocaiúva.

Abstract: In performing study of the festive ritual of the Ternos of Catopês of Bocaiúva/ Minas Gerais, having with perspective epistemological the ethnoscenology and their interfaces with the interpretive anthropology, the ethnography and the cultural studies, two of the characteristics of this ritual us caught the attention: the performativity, as indicated in studies by authors such as Victor Turner and Richard Shechner, and the spectacle, referenced in the work of Jean Marie Pradier and Armindo Biao. Our goal in this study is to perform a reading of performativity and the spectacle of festive ritual of the Ternos of Catopês of Bocaiuva. To this end, we develop our work in two paths: on the first we present a theoretical framework about the concepts of festive ritual, spectacle and performativity; in the second we do reading the festive ritual, starting from our gaze on the body of the congadeiros and its performance during the realization of their parties. Finally, we consider the importance of the ethnoscenology to carry out this work in relation to our reflective practice on this cultural manifestation.

Keywords: Festive Ritual. Performativity. Spetacle. Terno de Catopês de Bocaiúva.

A interpretação que propomos neste trabalho segue a mesma idéia que Peirano (2000) aponta sobre a análise antropológica de rituais: considerar os elementos e aspectos que tornam imprescindíveis uma leitura que pode resumir, expandir, suportar ou encorajar os conhecimentos presentes nas manifestações de uma sociedade e/ou grupo social.

Nesse estudo, tratamos da manifestação do Congado na cidade de Bocaiúva, localizada no Norte de Minas Gerais, e representada por dois Ternos de Catopês: o de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito; e o do Divino Espírito Santo¹.

Busco tratar essa manifestação como uma expressão cultural brasileira, que se formou a partir das relações estabelecidas entre os povos europeus, africanos e ameríndios, mediados pela religiosidade católica em solo brasileiro. Esse encontro propiciou a criação de modos peculiares de visão de mundo, fundados no mito de Nossa Senhora do Rosário. Essa cosmovisão de mundo é confirmada e transcrita, tomando emprestado o termo de Martins (1997), a cada realização dos festejos aos santos congadeiros (Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito Santo).

A realização desses festejos de caráter mítico-religioso é, em nossa perspectiva, um Ritual. Considerando o pensamento de Mariza Peirano, é possível entender que a relação entre Mito e Rito é necessária na elaboração de um entendimento sobre os Rituais. Segundo a autora, as narrativas podem tornar-se uma opção retórica para alguns antropólogos durante a análise de eventos e de pressupostos básicos da vida social, ainda que de maneira menos consciente. Assim, é possível compreender que “a análise de rituais e de eventos tem uma afinidade eletiva com a opção pela diferença que é preciso em sua enorme potencialidade” (PEIRANO, 2000, p. 24).

Dois conceitos sobre o ritual foram importantes para a elaboração de um pensamento sobre aquilo que era observado nas festas dos Ternos de Catopês de Bocaiúva: a ideia de ritual com drama social, de Victor Turner; e a ideia de ritual como uma ação performativa, de Stanley Tambiah.

Turner (1975) definiu Ritual como locus privilegiado para se observar os princípios estruturais de uma sociedade, comunidade ou grupo social e também como apropriado para detectar as dimensões processuais de ruptura, crise, separação e reintegração social. Segundo Peirano (2000), ao compreender o Ritual como “drama social”, Turner passa a perceber os símbolos produzidos nos processos rituais como aptos para uma análise microssociológica refinada. Dessa maneira, acredita que os símbolos instigam a ação e se compreendem em relação com o vivido.

Para ele, o Ritual pode ser compreendido como ações de sociedade e de comunicação simbólica por meio dos quais as sociedades e/ou grupos sociais atuam, emitindo mensagens simbólicas sobre eles mesmos, possibilitando que esses momentos possam desvendar a sociedade. A teoria proposta por Victor Turner (1974) tenta compreender os rituais como processos a partir de três elementos: a *Liminaridade*, a *Communitas* e a *Eficácia*.

Tambiah (1985) propõe a busca por uma associação entre as ideias de rituais como “atos de sociedade” e “atos de comunicação simbólica”, buscando não defini-los em termos absolutos e considerando algumas características: uma ordenação que o estrutura, um sentido de realização coletiva com propósito definido, uma percepção de que são diferentes do cotidiano e a sua ligação com uma cosmologia (THAMBIAH *apud* PEIRANO, 2000, p. 11). Para ele,

1 Para mais informações sobre os Ternos de Catopês de Bocaiúva, verificar o texto Nas festas dos santos de preto: um olhar sobre o ritual festivo dos Catopês na cidade de Bocaiúva (MG).

O ritual é um sistema culturalmente construído de comunicação simbólica. É constituído de um padrão de sequências ordenadas de palavras e atos, frequentemente expresso em várias mídias, cujo conteúdo e disposição são caracterizados em diferentes graus de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual, nos seus traços constitutivos, é performativa nestes três sentidos: no sentido Austiniano de performativo, quer dizer que algo é também fazer algo como um ato convencional; no sentido bem diferente de uma performance que utiliza vários meios de comunicação pelo qual a experiência dos participantes experimentam intensamente o evento; e no sentido dos valores indiciais – eu derivei este conceito de Peirce – que são vinculados ou inferidos pelos atores durante a performance (TAMBIAH, 1985, p. 128. Tradução nossa).

Tambiah (1985) reconhece o Ritual como um sistema cultural de comunicação simbólica que ocorre, sempre, de maneira performativa. Em seus estudos, observa que os rituais proporcionam um englobamento total de uma comunidade. Para ele, os símbolos constituídos nos rituais propiciam compreender e explicar significados existentes nos processos como portadores de mensagens que revelam a sociedade em rito. Assim, o Ritual é uma forma de ação maleável e criativa que, com conteúdos diversos, pode ser utilizado para várias finalidades como, por exemplo, expressar visões de mundo de um grupo ou realizar a sua própria produção.

Segundo Peirano (2000), Tambiah (1985) acreditava que os Rituais poderiam partilhar alguns traços formais padronizados que iriam variar conforme as suas construções ideológicas particulares. Em outras palavras, o Ritual torna-se eficaz como ato social porque ele dá forma e atualiza a cosmologia do grupo, tornando explícito o que se inscreve silenciosamente nos meandros da vida social daquele grupo.

Diante dessas questões, busquei entender o Ritual a partir de um processo interpretativo das qualidades performativas e espetaculares presentes nas práticas e processos que compreendem a sua dinâmica em relação ao vivido durante as festas realizadas pelos Ternos de Catopês de Bocaiúva. Assim, passei a chamar a prática dos Catopês de Ritual Festivo, pois compreendi que suas práticas/processos rituais são vividos em função da realização da festa ou nos momentos da própria festa, possibilitando a reflexão sobre a própria existência desses sujeitos, a atualização de sua cosmologia e sua afirmação no mundo.

Nessa direção, a partir das referências de Richard Shechner (2003), propus entender performatividade como a qualidade da ação realizada pelos sujeitos em sua prática/processo ritual. A partir das referências de Armindo Bião (2007), compreendi a espetacularidade como a dimensão da percepção de se colar para o olhar do outro, sendo que quanto maior o nível dessa percepção mais clara a relação espetacular entre os sujeitos participantes dos Ternos de Catopês de Bocaiúva e as pessoas que circundavam a festa (os espectadores).

Perceber o caráter performativo e espetacular do Ritual nos Ternos de Catopês de Bocaiúva é considerar a capacidade desses sujeitos de se apresentar ao outro, de comunicar as coisas de sua sociedade e/ou grupo social e, também, de se comunicar. Esse caráter performativo e espetacular “[...] está implicado na relação entre forma e conteúdo que, por sua vez, está contida na cosmologia” (PEIRANO, 2000, p. 11). Aliás, como já pontuamos anteriormente, é aí que se encontra a função do Ritual para os Ternos de Catopês de Bocaiúva: atualizar a cosmologia do grupo.

Os rituais, em sua performatividade e espetacularidade, compreendem, portanto, as experiências vividas que, articuladas às suas comovisões, dão sentido às práticas/processos dos Ternos de Catopês de Bocaiúva em suas festas. Assim, Shechner (2003, p. 27) afirma que as práticas rituais performativas “afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias”.

É importante considerar que cada ação, assim como cada festa, será diferente das demais. A particularidade e peculiaridade de cada ação performativa estão em sua capacidade de estabelecimento de interatividade com os demais sujeitos produtores ou espectadores dessa ação. Nessa direção, e por compreendermos que as noções de história e cultura são culturalmente específicas, entendemos que é impossível tomar um objeto de estudo sem partir do ponto de perspectiva do próprio produtor da ação, ou mesmo do observador.

A característica performativa e espetacular dos Rituais Festivos dos Ternos de Catopês de Bocaiúva está expressa em vários momentos e elementos. Martins (2003, p. 71-72), faz a seguinte consideração acerca dos rituais do Congado:

Performados por meio de uma estrutura simbólica e litúrgica complexa, os ritos incluem a participação de grupos distintos, denominados *guardas*, e a instalação de um Império negro, no contexto do qual autos e danças dramáticas, coroação de reis e rainhas, embaixadas, atos litúrgicos, cerimoniais e cênicos, criam uma performance mitopoética que reinterpreta as travessias dos negros da África às Américas.

Nossa leitura sobre a performatividade e espetacularidade no ritual festivo dos Ternos de Catopês de Bocaiúva está em três aspectos/elementos: nas dramaturgias presentes nas músicas entoadas durante os festejos; nas imagens presentes nas festas; e no corpo dos sujeitos, entendidos por nós como *corpo-encruzilhada*.

As músicas trazem à tona as mensagens e discursos simbólicos que apreendem a cosmologia do grupo. As imagens remetem aos elementos e objetos que congregam os valores da própria manifestação, como o mastro, a bandeira, o andor, o tambor, etc. Enfim, tenho proposto pensar o *corpo-encruzilhada* como um corpo-espaço que se permite atravessar e ser atravessado por todos os demais elementos do ritual festivo; ele toca e é tocado por tudo e todos, sendo transformado ao compasso das experiências que estabelece na sua própria prática do vivido.

*Oi vamos, oi vamos
Beijar aquele Rosário de Maria
De joelhos te louvamos
Dia e noite, noite e dia
Vamos, oi vamos
Beijar aquele Rosário de Maria [...]*

(Fragmento de canto do Terno de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, 2008).



FIG. 1 – Bandeira de Nossa Senhora em altar na casa do mordomo.
Fonte: Coleta em pesquisa de campo por Jarbas Siqueira Ramos.

*Bendito, louvado seja
O Rosário de Maria
Se ele não viesse ao mundo
Ai de nós o que seria...*

(Fragmento de canto dos Ternos de Catopês de Bocaiúva)



FIG. 02 - Andor com Imagem de Nossa Senhora do Rosário. Festa de 2007.
Fonte: Coleta em pesquisa de campo por Jarbas Siqueira Ramos.

Finalizo essa reflexão propondo uma discussão acerca da aplicabilidade da ideia sobre o *corpo-encruzilhada*. Penso nessa proposta em duas direções: a primeira traz à tona a percepção desse corpo nos espaços de rituais, festas e ações cotidianas e extracotidianas, onde a espetacularidade e a performatividade se apresentam como caminho para o seu entendimento; a segunda refere-se aos procedimentos que permitem o artista da cena tratar desse corpo em suas propostas de trabalho estético.

Não há como desvincular esse corpo de sua produção de conhecimento sobre o mundo. E é justamente por não estar livre dos contágios possíveis com o mundo que o circunda que esse corpo possibilita um processo de aprendizagem constante que se fundamenta na experiência do sujeito. Assim, não há como não perceber as potencialidades que o *corpo-encruzilhada* apresenta para o artista da cena. Mas isso já é assunto para uma nova reflexão.

REFERÊNCIAS

BIÃO, Armino Jorge de Carvalho (Org.). **Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocologia**. Salvador: P&A, 2007.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do rosário do jatobá**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. Performances do tempo e da memória: os congados. **O Percevejo – Revista de Teatro, Crítica e Estética**. Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, 2003.

PEIRANO, Maiza G. S. A análise antropológica de rituais. **Cadernos de Antropologia**. Brasília/DF: UNB, 2000.

SHECHNER, Richard. Estudos da Performance. **O Percevejo – Revista de Teatro, Crítica e Estética**. Rio de Janeiro: Unirio, 2003.

TAMBIAH, S. J. **Culture, Thought, and Social Action: An Anthropological Perspective**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis/RJ: Vozes, 1974.